

Resumo

O texto se propõe a refletir sobre duas novas expressões relativas ao trabalho: a expressão trabalho decente, situada em discursos e projetos de governo, e a expressão *worklover*, encontrada no espaço acadêmico e suas formas de divulgação. Com vistas a uma motivação e problematização inicial do tema de modo articulado ao contexto do cotidiano do trabalho de enfermagem, o texto se apóia na simbolização alegórica captada a partir de imagens e personagens do cinema ficcional, que estimulam a relação entre as experiências de amor e de trabalho como processo de autoreflexividade.

Descritores: trabalho; trabalho decente, amor e trabalho.

Abstract

This text aims at proposing a reflection on two new work-related terms: decent work, used in speeches and government projects, and *worklover*, found in the academic space and its forms of divulgation. Aiming at an early motivation and problematization of the topic in connection with the nursing work day-to-day context, the text is supported by the allegorical symbolization captured in images and characters of fiction cinema, which encourage the relationship between love and work experiences as a self-reflection process.

Descriptors: work, decent work, government projects

Title: The several ways of loving and our work

Resumen

El texto se propone reflexionar sobre dos nuevas expresiones relativas al trabajo: la expresión trabajo decente, situada en discursos y proyectos de gobierno, y la expresión *worklover*, encontrada en el espacio académico y sus formas de divulgación. Con vistas a una motivación y problematización inicial del tema de modo articulado al contexto del cotidiano trabajo de enfermería, el texto se apoya en la simbología alegórica captada a partir de imágenes y personajes del cine de ficción, que estimulan la relación entre las experiencias de amor y de trabajo como proceso de autoreflexión.

Descriptores: trabajo; trabajo decente; proyectos de gobierno.

Título: Las diversas formas de amar son nuestro trabajo

1 Das lembranças - ou da relação do escritor com seu tema

Lembro-me claramente quando, ainda aluna de graduação, ouvi um conceito de saúde mental que dizia que esta significava a *capacidade de amar e trabalhar*. Esta afirmação, não importa sua consistência conceitual e independente de qualquer análise que se possa dela fazer, acompanhou minha vida. Ora como um desígnio (“*e viverás para amar e trabalhar*”), ora como uma maldição incontornável (*do amor e do trabalho jamais se libertará e neles tampouco serás livre*), ora como onipresente imagem no espelho (“*sou ou não sou capaz de amar e trabalhar?*”), ora como alvo de deboche (“*amar e trabalhar? ninguém merece!*) ou de indignação fundada nas mais diversas fontes de contestação. A verdade é que o fantasma do amor e do trabalho sempre esteve lá, nos momentos em que suas formas mais vivas podiam parecer mais presentes ou ausentes. Também é verdade que, do alto da sabedoria dos meus 18 anos, o check list de minha ‘inteireza’ mental, com estes dois itens, não me ameaçava. Cheguei a achar que se tinha algo um pouco mais complicado era, sem dúvida, o trabalho (pelo menos no sentido de que “podia dar trabalho”). Quanta ingenuidade! E de quanta ingenuidade ainda somos capazes sobre nós mesmos e sobre este inofensível amor e trabalho.

Se o início deste texto não esconde seu tom “pessoal”, ainda insólito em meios científicos, quero cedo culpar o tema e adiantar minha intenção de me valer desta irreprimível forma de expressão para, a partir dela, voltar à forma habitual (a forma séria da academia), com a qual tenho estudado este grande tema de minha vida: o trabalho. Permitindo-me outra confissão posso dizer que em tudo que lembro ter “produzido” ou mesmo quando pensava sobre “outras coisas” - a educação, o poder, o sujeito, o sofrimento ou a ética - o trabalho estava lá. Eu estava lá, me confrontando com aquela frase de meus 18 anos. Nunca me ausentei deste oráculo e continuava à sua porta. Frente a

ela, depois de alguns anos, comecei a dizer que o motivo de estudar o trabalho era o fato dele me incomodar, de “não gostar” de sua “cara”. E também que, ao contrário do que imaginei anteriormente, entre o amor e o trabalho, o primeiro era a parte mais complicada da minha vida, o trabalho “não me assustava”. E ainda, escrevi nesta porta o lamento de um operário; “*Você me pergunta como vai minha vida: como sempre. Choro no momento devido a uma dolorosa reflexão sobre mim mesmo. Permita-me esse movimento de vaidade pueril; parece que não tenho vocação para ficar martelando o ferro*”³.

Com o trabalho e com o amor venho encenando a vida até aqui. Com eles construí minhas batalhas, histórias, sonhos e metáforas. Fiz romances, tragédias, dramas e comédias, de tudo um pouco e quase tudo não muito bem. Nesta posição me encontro ao apresentar este manuscrito.

Olhando para um lugar – ou para uma delimitação do objeto

O trabalho que aqui quero tratar é aquele se expõe em duas novas expressões, originadas em discursos diferentes, embora bastante comunicáveis e solidários entre si: a expressão **trabalho decente**, situada em discursos e projetos de governo, e a expressão *worklover*, encontrada no espaço acadêmico e suas formas de divulgação.

No primeiro caso se fala de um adjetivo ao trabalho; no segundo caso se fala de sujeito, ou um sujeito na fusão de dois, o amante e o trabalhador.

O conceito de trabalho decente, proposto pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e incorporado pelas pautas políticas nacionais, traz a dimensão da qualidade (não restrita a metas quantificáveis) ao tema da geração de emprego e renda. O discurso político que sustenta o conceito o coloca como estratégia para o *desenvolvimento incluyente* (nivelador das disparidades de renda e riqueza) e ambientalmente sustentável, bem como para o resgate da dívida social acumulada em décadas de crescimento perverso. O emprego

*Enfermeira...

E-mail do autor: flaregina@brturbo.com.br

³ Gilland, operário serralheiro em depoimento levantado por Rancière, J. (A noite dos proletários – arquivo do sonho operário) citado em minha tese de doutorado, publicada em: RAMOS, F. R. S. Obra e manifesto; o desafio estético do trabalhador da saúde. Pelotas: UFPEL; Florianópolis: PEN/UFSC, 1996. p. 93.

decente é razoavelmente remunerado (dentro das condições econômicas do país) e realizado em condições satisfatórias de higiene, de saúde e de relações humanas⁽¹⁾. É apresentado como sinônimo de trabalho produtivo e suficiente para todos, em que direitos são protegidos, os ingressos e a proteção social é apropriada; é exercido em condições de liberdade, equidade, seguridade e dignidade⁽²⁾.

Assim, para além de se transformar numa gigantesca fábrica de empregos o Brasil precisa fomentar empregos e/ou autoempregos realizados em boas condições, compatibilizando objetivos econômicos e sociais, não se limitando a políticas sociais compensatórias (mesmo que ainda indispensáveis), mas promovendo o acesso universal aos serviços sociais de base⁽³⁾ e a proteção dos trabalhadores.

Poderia falar de um conceito que sugere um alvo (*conceito-meta*) e que sinaliza uma insuficiência (*conceito indicial*, que neste caso indica uma falta/carecimento), desenhada em termos de uma qualidade desejada, a decência, frente a sua falta, a indecência?

O que falta, de acordo com este discurso, é um marco social adequado para a economia global; faltam mecanismos para considerar os impactos sociais das políticas econômicas e financeiras; falta regulação sobre a economia global; falta que a produção e outros elementos próprios da globalização sejam coerentes com os direitos humanos, a igualdade, o emprego e a seguridade; falta o diálogo social, nacional e internacional. Enfim, um déficit intolerável agora indica que “a concretização dos direitos básicos dos trabalhadores deve ser o piso social da economia global”⁽⁴⁾.

Devemos ver os problemas e as aspirações através dos olhos das pessoas. Suas prioridades são o emprego e renda decentes, oportunidades para seus filhos, segurança no trabalho, na família e na aposentadoria, respeito aos seus direitos e voz e participação nas decisões que têm a ver com elas. [...] Todos devem ter a oportunidade de acesso a um trabalho produtivo e digno. Essa é a pré-condição para um desenvolvimento socialmente sustentável, o caminho em direção à igualdade, uma fonte de esperança que é essencial para a paz^(4:1).

O trabalho decente é um ideal cuja prática se impõe como fundamentalmente necessária para a realização do potencial humano do trabalhador. Com efeito, o trabalho não é somente um meio de sobrevivência. Trata-se de uma necessidade básica do homem e da mulher, que carregam dentro de si o sentido de construção. Construção, pelo trabalho, de uma vida melhor, para si, para seus dependentes, para sua comunidade, para seu país, enfim[...] a promoção do trabalho decente pressupõe o apoio à geração de empregos formais, o oferecimento de proteção social, o respeito aos direitos básicos do trabalhador-cidadão e o incentivo ao fornecimento do diálogo entre empregados e empregadores^(5:1).

O conceito de *worklover* se refere a pessoa que ama o trabalho; que apesar de dedicar tempo demais ao trabalho possui uma relação altamente prazerosa com o mesmo. O conceito surgiu em oposição ao tão conhecido “workaholic”, que não apenas “trabalha demais”, mas encontra no trabalho uma maneira de fugir da vida, de não enfrentá-la. A diferença está entre um “viciado” ou “obcecado” pelo trabalho, que acaba afetando de modo negativo todos os outros aspectos da sua vida, e um “amante” do trabalho, que não foge da vida por causa disso ou tampouco separa o prazer do trabalho.⁽⁶⁾

O conceito surge para marcar uma diferença, um desvio por outra linha (*conceito digressante*) e também para propor uma ruptura com uma forma habitual de ver o trabalhador na relação com seu trabalho, Isto é muito bom e necessário. É um conceito que já tem como foco uma dimensão subjetiva e que traz um novo elemento ao centro da análise, um ponto de quebra.

O que não muda é o reconhecimento da satisfação e realização no trabalho como essencial para a saúde mental

das pessoas. Também não muda a idéia de que algumas pessoas terão maior chance de obterem isto de acordo com condições como a autonomia, a valorização social e o significado que o trabalhador possa perceber como gerado por sua ação/produção⁽⁶⁾. Esta “estética do trabalho” foi tratada na minha pesquisa de doutoramento como possibilidade do trabalhador se manifestar como sujeito de sua obra, uma obra significativa em que se reconhece como autor. Mas estas possibilidades não são igualmente “dadas” para todos, são arduamente ou incidiosamente conquistadas em pequenas brechas de expressão do sujeito no cotidiano do trabalho⁽⁷⁾.

O que muda são algumas formas de pensar: - rotinas pesadas e extenuantes necessariamente não significam sofrimento; - a idéia de uma “medida ou dose certa” de trabalho deve ser relativizada. Mas ainda há pela frente outras questões a aprofundar: - se o excesso (de horas, de absorção, de cargas e responsabilidades) deve ser relativizado, também deveria ser a insuficiência (de quem trabalha pouco, se dedica pouco, se concentra pouco)? Quem é (e quem ainda poderá ser) um “apaixonado” pelo trabalho? Não se trata aqui de cobrar uma resposta a qual um estudo não se propôs e não tem a responsabilidade de responder^b. Muito ao contrário, um bom estudo é aquele que levanta novas perguntas, inspira novos olhares e buscas, que abre apara insatisfação e a curiosidade.

Talvez não haja dúvida de que certos padrões de normatividade, usados para legitimar a rótulo do discrepante e a reação social ao mesmo (inclusive em termos de maior e menor chance de “se dar bem na vida”) precisam ser quebrados. O que precisa ser visto com clareza é o sentido da quebra, a favor de quem são os efeitos desta quebra. Qual o ponto em torno do qual se dá a ruptura – a felicidade e o prazer? Então, se o fato de ter prazer e se sentir feliz com seu trabalho é o elemento que permite excluir um indivíduo da lista dos “anormais” ou “trabalhador patológico”, este mesmo elemento poderia ser usado para isentar o “trabalhador preguiçoso” das penalidades que sobre ele recaem. Dito de outro modo, seria (como num *duplo-standart*) a relativização de um padrão por um lado e sua fixação por outro, de acordo com os efeitos de tal relativização. Ou o empregador passaria a entender e valorizar o “bem-estar de seu “alegre e bem relacionado empregado”, mesmo quando ele deixa atrasar suas tarefas? É bem mais fácil aceitar o quebra quando ela não ameaça os fins e produtos do trabalho.

Ao tornar público este *novο encontro à porta do oráculo* mostro o que estou trazendo nas mãos, duas idéias tão diferentes em foco, fim e contexto teórico, mas ambas profundamente ligadas ao nosso atual mundo do trabalho. Mas este não é um texto sobre o mundo do trabalho, mas apenas um exercício imaginativo de alguém que se põe à frente de uma pequena janela aberta para ele.

2 À frente da janela, que poderia ser uma tela - ou uma metodologia que não se pretende sensata (portanto não seria metodologia?)

Cabe a ficção, enquanto expressão de uma experiência de linguagem, “dizer o que não pode ser dito”^(8:52). Nesta afirmação referida à literatura, Foucault a considera para além de uma expressão estética, mas como terreno privilegiado em que se efetua uma *experiência extrema de pensamento*, “que supõe a ousadia de flutuar sobre o sentido, de acolher

^b O estudo a que me refiro e do qual só tenho breves informações é desenvolvido pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho (LPT), do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. É um grupo interdisciplinar voltado para as dimensões subjetivas e objetivas do trabalho, coordenado pelo Dr. Wanderley Codo. O laboratório desenvolve pesquisas em tópicos como saúde mental e trabalho, afeto e trabalho, trabalho e identidade e orientação para o trabalho⁽⁶⁾.

significados provisórios, de reinventar palavras - em suma, de habitar um espaço sem se fixar num lugar”^(8:53). A radicalidade desta linguagem, no sentido foucaultiano, está na forma como ela afronta a habitual evocação da realidade, para postular a irrealidade como sua razão de ser, como um recuo diante da existência, que convoca o ausente e funda um outro lugar para presentificá-lo fora dele mesmo e do mundo. Esta é a inquietude, a instabilidade e a liberdade do discurso literário, o discurso da insensatez⁽⁸⁾.

Eu me nomeio, e é como se eu pronunciasse meu canto fúnebre: eu me separo de mim mesmo, não sou mais a minha presença nem a minha realidade”^(9:51)

Esta breve referência a Foucault ajuda a me posicionar à frente da janela e ao descrever a imagem vista o fazer na tentativa, quase vã, de “reinstaurar o diálogo entre razão e desrazão”^(8:52), de buscar em imagens e falas produzidas em outro espaço a expressão para um discurso que pensa o **worklover** e o **trabalho decente**. O outro espaço é o cinema e a janela é, agora, uma tela.

Neste ponto preciso, novamente, confessar. Desde que estas duas expressões entraram na minha jornada *quase mística* (não consegui evitar o tom de ironia, já que me sinto tão “terrenamente” afundada neste caminho), tenho pensado muito nelas e, sem o menor ímpeto produtivista - para dissecar conceitos, destacar cenários ou fazer qualquer problematização acadêmica, me limito a viajar entre imagens e palavras, relembrar cenas, reais ou não, e exercitar uma certa *anti-produção criativa*. Este texto seria uma crônica, caso minha insensatez chegasse a ponto de se fazer discurso livre. Ainda estou no meio do caminho.

E no meio do caminho tinha uma tela, tinha uma tela no meio do caminho.

Na tela passam filmes em trechos esparsos e desconexos, em fundos musicais diferentes de seus originais. Quase sempre o tema é o amor e, é claro, seus infinitos desdobramentos. De tantas passagens escolhi alguns **tipos cinematográficos de amor e amante**, se é possível retê-los assim, como tipos. É bom lembrar que nesta posição estou a milhares de quilômetros de uma crítica ou análise de cinema, nem tampouco de uma descrição rigorosa, senão a de minha própria imaginação nos limites da memória. Reconheço, a despretensão é poderosa e, ao mesmo tempo, confortável: me permite o abuso, a imprecisão e, até, o risco de insucesso.

Não foi de propósito, embora goste do resultado, que grandes produções e romances holywoodianos não figuram entre os “meus tipos”. Vamos à eles

3 A possibilidade da beleza no amor e no trabalho – “Sexo por compaixão”^c

E preciso amar direito, um amor de qualquer jeito
Ser amor a qualquer hora, ser amor de corpo inteiro
Amor de dentro pra fora, amor que eu desconheço
Quero um amor maior, amor maior que eu
Quero um amor maior, um amor maior que eu
Então seguirei meu coração até o fim pra saber se é amor[...]
Eu estarei mais feliz mesmo morrendo de dor

Jota Quest (Amor maior)

Dolores ama. Ama o marido, ama os vizinhos, ama a todos na Vila. Não há sacrifícios, só entrega e prazer em amar. A rotina monótona em branco-e-preto da cidadezinha sem graça, de calor e caminhos empoeirados parece não combinar com a satisfação que ela teima em ver e ter. Quando seu amor a deixa (e eu já imaginava uma “guinada feminista”) Dolores quer seu amor de volta. E se seu problema, sua culpa, é não ter defeito, não pecar, não ser como todos, então ela quer pecar de verdade. Contra a descrença de seu padre confessor, que lhe afirma sua

incapacidade de transgredir, ela resolve cometer “o pior de todos os pecados conjugais” – fazer sexo com outros homens. E a maior e mais inesperada das transgressões começa a ocorrer: o sexo-pecado se reveste de amor e bondade; a luxúria se torna caridade e opera milagres em tudo e em todos. A Vila monótona muda colorida e cheia de vida. Pedacos de vida aparecem no meio das caras e falas dos amantes de Dolores.

No início nada no cenário e nos personagens anunciava algo mais do que tristeza e desolação, mas em meio as mais simples formas de pensar e “andar a vida” aparece a beleza e a alegria que desconcertam. O pouco agora é muito, o que poderia ser a satisfação de um desejo ridículo e banal, mostrado na crueza simples do real, é transformador – um ato sexual qualquer, sem as lentes do romance. Onde estão as lentes que enxergam tanto em tão pouco? Onde estavam as cores? Onde está o amor? Dolores continua à espera do retorno de seu amor e, enquanto isso, dá um pouco de amor. Ela ouve, consola, entende e dá o que tem... aos solitários, aos frustrados, às prostitutas, aos conhecidos e vizinhos.

Talvez nesta imagem de Dolores haja um pouco do *amante* que o conceito digressante quer diferenciar. Contra nossas formas de ver o amor vão se dissolvendo os rótulos de dominação, sofrimento e moralidade, exatamente no mais improvável dos lugares. Não estamos vendo intelectuais ou artistas, em grandes cidades onde tudo acontece, ensaiarem alternativas de amor embebidas em discurso *cult*. Não chegamos a pressentir a rebeldia ou a transgressão descarada e apoiada na crítica. Ao contrário, mais se vislumbra uma anti-rebeldia de impacto e coragem assustadora, de uma *“falta de crítica”* (pelo menos na forma como estamos acostumados a pensar a crítica) que abre para uma liberdade de agir e julgar não possível dentro de nossos “jeitos de amar”, cheios de *senões*, de limites, de *intoleráveis*, de ponderáveis e de requisitos. Que amor é este, assim livre? Que afronta aos nossos “modelitos”, às nossas “saías justas”.

Quando amar é ofertar e esta dádiva não diminui ou anula, Dolores lembra: *“Cuide bem do seu amor... seja quem for”* (Herbert Viana). Mas muito mais que isso, ela lembra da busca sempre possível de si mesma e de seus desejos. Lembra de como amar e cuidar do outro se mistura com o amar e cuidar de si mesmo; de como “afirmar-se” não significa igualar-se a uma certa emblemática de afirmação, ligada ao poder, à independência e ao sucesso, também estreitamente definida em referência a valores masculinos, ocidentais, individualistas e liberais.

Enfim, também posso perguntar (mesmo que não com a mesma coragem de Dolores): Que busca faço em meu trabalho? Que possibilidades de pensar este trabalho são realmente minhas - feitas por mim ou colocadas a partir de mim e não de valores e critérios (os *senões* e os *apertos* de um modelito de trabalho/amor) já postos? Que conceito de liberdade guia minhas escolhas no trabalho? Talvez os *olhos amantes* de Dolores vejam bem mais em meio à poeira... das ruas, da cidade, dos cenários de nossas teorizações.

4 A paixão que possui e alimenta – “Ata-me”^d

O meu amor tem um jeito manso que é só seu, e que me deixa louca [...]
Que rouba meus sentidos, viola os meus ouvidos
E me crava os dentes, Ai [...]
Desfruta do meu corpo como se meu corpo fosse sua casa [...]
Meu corpo é testemunha do bem que ele me faz.
Chico Buarque (O meu amor)

Do sanatório para a cidade grande e agitada. Da clausura dos anormais para o mundo “normal” ou, ainda, para a conquista, *à seu modo*, de uma amor “normal” – este é o caminho que leva Ricky à Marina. Marina atriz pornô, linda, sexy, desejada e solitária. Ricky solitário, mas sem a “normal” perda

^c Filme dirigido por Laura Mañá, produção espanhola de 2000.

da fantasia. E na jornada da fantasia tudo é permitido para a conquista do amor, do “cálice sagrado”, da imagem romântica e viril da aventura masculina.

Nas aventuras épicas, também tão emblemáticas, o certo e o errado se confundem, como se confundem amor e violência, prazer e tortura, doçura e terror nos olhos destes personagens. Talvez esta aventura me traga a imprecisão desta idéia de limite: do que se pode tolerar, do que se pode fazer, do até onde se pode ir... para conquistar o amor (ou o trabalho) ou a fantasia.

Ricky se revela – sou só no mundo, nada tenho, nada perco... *te rpto para que me conheça melhor*, e pergunta – *quanto tempo levará para me amar?* (penso em quantas vezes ouvimos algo parecido pela vida afora e, mesmo sem ter as mãos atadas e a boca amordaçada, nos mantemos mais um pouco ali, querendo acreditar e duvidando). Marina responde – *Quem pediu para me cuidar, me proteger?... nunca vou te amar*. Mas, parece dizer - quem sabe? E se envolve no conflito que é muito mais seu do que de Ricky... o de ser amada.

De todas as cenas, que não poderia aqui descrever, uma me parece especial. Ricky vai sair e quer saber se pode deixá-la solta, se ela fugirá. Ela responde: - *Não sei. É melhor me amarrar!* Está colocada a simbologia do título: Ata-me. A crença e a descrença do amor (e do amor ao trabalho?). A fuga da paixão, desejada e também negada, inviabilizada pela impossibilidade da escolha (ata-me!) A não escolha, a vulnerabilidade em relação à outro (ao amante apaixonado, ao que me tira do limite e se torna doentio, ao seqüestrador, ao trabalho) autoriza o *desfrute* (“do bem que ele me faz”). E como precisamos desta ausência ou impossibilidade de consciência, razão e decisão, para tornar mais tolerável esta imprecisão, esta falta de consistência, de limite (de pudor e de decência?), que fragiliza tudo que é “princípio” e “conhecido”. Estar à mercê, muitas vezes, é a saída mais visível, mesmo que fugaz. O que me alimenta e “*me faz um bem*” também me aprisiona e fere (me crava os dentes)... *rouba meus sentidos*.

Mas Marina também terá que se revelar. Quando, já livre, confessa que ama Ricky, sua irmã pergunta: acha normal? Amá-lo é normal? Talvez quem assiste este filme não espere algo normal. Mas na vida “normal” se espera que sejamos “normais” (com amores normais e trabalhos normais) mesmo que “de perto, ninguém é normal”. Mas não vemos muitas coisas de perto, uma distância segura quase sempre é mantida. E nesta distância segura continuamos a amar e trabalhar. Então, na última cena, os amantes cantam (já entregues à paixão “anormal” e sobre ela construindo esteios de normalidade... de laços familiares, de sustento do casal, de um lar): “...*resistirei para seguir vivendo*”.

5 A fantasia do amor desconhecido que acontece – “O fabuloso destino de Amélie Poulain”^e

O amor enigma, o amor que acontece nos arranjos de uma mente sonhadora, o amor de alguém que está no centro de uma vida simples e fora do mundo real; mundo morto fora da imaginação que cria a perfeição de instantes. Amélie vive assim, dentro de si, fora do mundo, refugiada na fantasia solitária, mas cheia de vida e significado; guardando lembranças e imagens, criando laços anônimos, cruzando com outros destinos, que se mutam quase sem perceberem-se do outro. Desconhecidos passantes são mistérios a entender e, algumas vezes, a tocar. As mãos anônimas de Amélie podem tocar o destino do outro, sutilmente, armando coincidências e estratégias contra a futilidade e a pequenez humana. Enquanto isso Amélie segue, privada de si mesma e do confronto com o seu destino; o outro que lhe ocupa lhe exila de si... até o momento em que um amor misterioso lhe chame ao

risco. Um outro como ela, desde sempre conhecidos, em sonhos. A mão de Amélie agora mexe em seu próprio destino, mas precisará acreditar que pode suportar os “baques” da vida para sair do refúgio e se mostrar, refazendo e montando os pedaços do mistério que os liga simbolicamente: o que nos separa e nos liga - o enigma de nossos jogos, agora conhecidos, o enigma do que somos.

O amor que permanece alheio aos riscos do real; o amor que cria o real e faz acontecer o mistério apenas pressentido. Como pode ser colorida e interessante a fantasia que cria jogos e os vive. Como o confronto com o mundo, mediado pela imaginação, pode ser transformado por mais beleza, por mais riso, por menos miséria.

A fantasia criadora e transformadora parece ter me sido apresentada dentro de cenários possíveis, dentro de situações e casos específicos; caracterizada em seus estágios, em seus riscos, em suas conseqüências. Para cada abuso uma seqüela, para cada fuga um controle ou represália; assim a fantasia é desejada e nutrida, quando convêm para certos efeitos de criação e liberdade, no espaço restrito de sua manifestação esperada. Mas a fantasia transgressora, que não permite submeter-se ao que é e ao que deveria ser, foge aos objetivos acadêmicos para entrar nas classificações psicológicas, no diagnóstico que garante uma candidatura e um lugar na fila da rejeição. Nada mais impertinente, no amor e no trabalho, que a overdose de fantasia; nada mais árido, insípido e indigesto que sua falta absoluta. Que dificuldade acertar esta dose, esta medida de nossa necessidade.

6 Que amor é esse e que trabalho é esse? – manifesto por um amor possível

Tenho um coração dividido entre a esperança e a razão...canta coração que esta alma necessita de ilusão (Fagner – “Borbulhas”)

Amar é tão humano. Trabalhar é tão humano. Não saber amar e não ter trabalho também. Não saber trabalhar e não ter amor também. Nunca escapamos deste sentido tão humano de todos os nossos problemas. Acho que nem queremos escapar...é neste poço fundo que habitamos e nos tornamos humanos... *para seguir sendo*.

Afinal, porque convidar estes amantes a circular em meio ao trabalho decente e worklovers? O que eu tinha na cabeça para juntar todos a mim nesta aventura? - Bem pouco. Mas queria me apossar, ou pedir emprestadas suas vozes e suas formas de amar para tentar proclamar o já dito, de outro modo. De tanto bater em nossos ouvidos certos sons se perdem, então precisamos de novas vozes e já nem percebemos nosso própria fala...elas se desgastaram. Lembro-me quando Jorge Luis Borges afirmou que certas palavras precisavam ser restauradas. Ele, o grande poeta, conclamou por restauradores da palavra “poesia”. Pois, me desculpem a impertinência, mas o exemplo é luminar. Sinto minhas palavras (não minhas, na verdade, mas todas que tenho empregado e ouço empregar) sobre “trabalho” desgastadas pelo tempo, cobertas pela poeira dos usos e mal-usos.

Ah, Amélie, me ensina a recuperar a caixinha de relíquias que darão novo sentido ao passado meio esquecido. E você, Dolores, me ajuda a revirar os mortos em seus esquecimentos; levanta a cidade que pode limpar esta poeira silenciosa. Trabalho, quem poderá amá-lo? Venha, Ricky, trazer mais desejo, mais paixão, daquela que faz jogar-se para uma direção, que empurra para a escolha, que faz sentir o medo e o gosto da liberdade.

Trabalho decente? Sim, trabalho de verdade. Que se alastre como as cores da vila de Dolores. Que depois de experimentado por todos e por cada um se torne impossível viver sem ele (como a vida que fez até a mais velha mulher sair do leito da invalidez); que ao ser por todos conhecido também pode ser por todos repartido, e defendido (com unhas e dentes e não o meu, mas o trabalho de todos); não possuído mas

^d Filme dirigido por Almodóvar, produção espanhola de 1992.

^e Filme dirigido por Jean-Pierre Jeunet, produção francesa de 2002.

vivido solidariamente, como o amor de Dolores.

E quem me dirá que todos poderão amar e trabalhar? Quem trará a mágica que me fará ver worklovers como os mais comuns dos mortais? Quem fará este conceito novo cair em desuso por já não causar estranheza ou dúvida? Quem me fará dizer que esquisito é não amar o seu trabalho? Quem me fará duvidar da existência de alguém que possa não se amar a cada dia. Eu quero um amor possível, maduro e verdadeiro, que me conheça como ninguém, me respeite e me traga alegria. Quem me fará dizer estas mesmas palavras para o trabalho – um trabalho que me respeite e me traga alegria? Pedir isso a um amor é romântico, mas ao trabalho? Delírio ou Utopia? Pois, Amélie, arme o jogo que dará vida a esta idéia; cole letra por letra a declaração que ninguém ousará questionar; as letras que já estão bem dispostas em nossas intenções e propostas - dê-lhes vida!

Eu queria presenciar a obra de restauração da decência do amor e do trabalho, para que todos possam amar e se sentirem decentes. Eu queria presenciar a morte do amor/trabalho bandido, escravo, violento e tirano.

Já estou longe dos meus 18 anos e continuo encontrando portas estreitas e travadas. Já não posso pensar que tudo isto é fácil, mas ainda posso fazer perguntas: Você que não é Dolores, Ricky, Marina ou Amélie – como está o seu amor? Como está o seu trabalho? Você pode amá-lo?

Posso até dar risadas lembrando das infinitas conversas sobre companheiros e amantes - Ele é decente e ainda amável e generoso com você? Mas o que mais penso são nas inúmeras mulheres (me desculpem os homens) que todos os dias fazem o trabalho da enfermagem neste país. Não estão indo para guerra cuidar de soldados mortos e feridos. Mas muitas vezes vão feridas cuidar de outros tantos feridos de morte. Penso que para algumas amar o trabalho pode ser um raro luxo e que decência pode ser suportar a chatice dos turnos sem “descontar” naquele estranho que lhe exige atenção. Isto é muito decente mesmo, como Dolores que vê a dor do outro e este já não lhe é estranho. Como constroem proximidade em meio a estranheza e a precariedade (Dolores novamente); como anonimamente mexem nos destinos e nos sentidos de cada experiência (olha Amélie aí); e ainda são capazes de cuidar com-paixão.

Então decentes trabalhadoras de um país que quer fazer decente o trabalho – como está o seu amor? Como está você? Quando termina seu turno ou quando está chegando para mais um dia de trabalho, o que pensa e sente? O que vê nos rostos e nas mãos de suas colegas?

Talvez depois disso tudo vocês pensem que estes tipos de amantes não bastam, precisamos mais; que o que sabemos sobre nosso trabalho ainda é pouco, precisamos olhar melhor;

que ter emprego é pouco, precisamos mais que isso; que ganhar a vida decentemente é o mínimo, mas que para isso ainda falta muito mais... gente querendo e gente fazendo por todos, além de nós. Mas ainda teimo em pensar que também nós tenhamos um pouquinho a fazer nisso tudo.

Acho que voltamos todos aos antigos oráculos, só que não consultamos divindades ou profetas, olhamos para nosso mundo e para nós mesmos. E continuamos querendo amar e trabalhar. Mas queremos conjugar estes verbos com todos os adjetivos que merecemos. Que tal começar: - nós amamos e trabalhamos alegremente, pacificamente, confortavelmente, decentemente, dignamente, solidariamente, livremente, saudavelmente...

Referências

1. Sachs I. “ O tripé do desenvolvimento incluyente” palestra magna no Seminário de Inclusão Social, 22/23 setembro de 2003, no BNDES. Obtido no site: http://www.bndes.gov.br/inclusao_ignacysachs.pdf
2. Brú E, Rosal MH. Trabajo decente y la formación profesional en centroamérica y república dominicana. Obtido no site: http://www.unb.br/ceam/nesp/polrhs/desprec/pdf/oit_trabdec_formprof.pdf
3. Sachs I. Inclusão social pelo trabalho decente: oportunidades, obstáculos, políticas públicas. Obtido no site: http://www.ie.ufrj.br/eventos/seminarios/pesquisa/inclusao_social_pelo_trabalho_decente.pdf em 28/08/2004.
4. Somavía J. (Organização Internacional do Trabalho - OIT) em entrevista à Marco Piva (2003) Trabalho decente deve ser o piso social da globalização. Obtido no site: <http://www.planetaportoalegre.net/publique/publicado> em 19/01/2003.
5. Dornelles F. A promoção do trabalho decente. XII Conferência Interamericana de Ministros de Trabalho das Américas, Ottawa, out. 2001. Discurso do Ministro do Trabalho e Emprego. Obtido no site: http://www.radiobras.gov.br/integras/01/integra_1810
6. Coscarelli C. Workaholic ou worklover? Obtido no site: http://www.universiabrasil.net/materia_carreira. Publicado em 01/04/2004.
7. Universidade de Brasília. É permitido gostar de trabalhar Obtido no site: <http://www.unb.br/acs/bcopauta/comportamento1.htm>. Publicado em 03/06/2004.
8. Moraes ER. A palavra insensata. (Dossiê cult – o pensamento da palavra e do poder em Michel Foucault). Cult Revista Brasileira de Cultura, São Paulo, Ed. Bregantini, v.4, n.81, junho de 2004.
9. Blanchot M. A parte do Fogo (p.312) apud Moraes, Eliane Robert. A palavra insensata. (Dossiê cult – o pensamento da palavra e do poder em Michel Foucault). Cult Revista Brasileira de Cultura, São Paulo, Ed. Bregantini, v.4, n.81, junho de 2004.

Data de Recebimento: 28/07/2004

Data de Aprovação: 27/09/2004